

ESPAÇO E TEMPO EM MILTON SANTOS: ALGUNS ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO DA HISTÓRIA SOCIAL DO TERRITÓRIO

Catia Antonia da Silva¹

Resumo

Milton Santos chama a atenção para a questão epistemológica da Ciência, onde o seu avanço se dá a partir da análise e do estudo de seu objeto. Para Santos, o espaço pode ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida, e o tempo histórico é um dos elementos fundamentais para o entendimento desse espaço. A temporalidade representa os tempos pretéritos (formação socioespacial, rugosidade, periodização) e o tempo presente, onde o espaço pode ter objetos originados de tempos pretéritos, mas se inscrevem no presente devido a suas novas funções sociais desempenhadas. O presente trabalho tem como objetivo analisar na obra de Milton Santos, importante geógrafo reconhecido internacionalmente pela construção de sua Teoria de Espaço, identificando a relação entre espaço e tempo, e, com isso, trazer contribuições teóricas e metodológicas para a complexa reflexão sobre a História Social do Território. Este trabalho não pretende esgotar as idéias de Milton sobre a relação espaço-tempo, mas contribuir com alguns elementos analíticos baseados principalmente no livro “Por uma Geografia Nova”, na edição de 1986.

Palavras-chave: espaço, tempo, Milton Santos, rugosidades.

SPACE AND TIME IN MILTON SANTOS: SOME ELEMENTS FOR A REFLEXION ABOUT THE SOCIAL HISTORY OF THE TERRITORY

Catia Antonia da Silva

Abstract

Milton Santos, deceased in 2001, is internationally recognized. He worked in the field of Geography setting a dialogue with other human sciences. He participated with his thoughts in the creation of the space theory. He also worked incisively in the construction of the Marxist trend in Geography. Within the debate about Marx's episteme in Geography during the 1970s and 1980s, the concept of space contributes to a comprehension of the conflicts and agents in the social production of the space. In this comprehension, the space is identified as a social produced dimension that becomes “practical-inert”, so once historically produced; it begins to interfere in social relations, therefore, also interfering in power, political, economical and cultural relations. Milton Santos also calls our attention to the epistemological question of science, which its enhancement presents itself by the analysis and the study of the object. For Santos, the historical time is one of the fundamental elements to the understanding of space. The temporality represents the past times (socioespacial formation, rugosity, periodization) and the present time, where the space has objects originated from past times, but they are seen in the present because of their social functions. This work aim is to analyze, in the works of Milton Santos, the relation between space and time and to bring theoretical and methodological contributions from the author to the complex reflection about the Social History of the Territory. This work does not intent to exhaust all of Milton Santos's ideas about space-time, but to contribute with some analytic elements.

Keywords: space, time, rugosity.

ESPAÇO E TEMPO EM MILTON SANTOS: ALGUNS ELEMENTOS PARA A REFLEXÃO DA HISTÓRIA SOCIAL DO TERRITÓRIO

Catia Antonia da Silva

“(...) vemos que, para Milton Santos, o território constitui-se numa categoria mediadora posicionada entre o passado e o presente, cujo domínio é indispensável ao desvendamento do futuros possíveis. Esta mesma capacidade mediadora emerge no intercâmbio entre gerações e conjunturas. É, aliás, na densidade do território, e através da conjugação entre espaço banal e cotidiano, que se afirma o homem lento, real categoria político-filosófica trazida por Milton Santos (1994)”.

RIBEIRO, 2005 p. 94

Introdução

Território para Milton Santos relaciona-se com o uso do espaço geográfico, ou seja, é conceito que reconhece as relações de poder na produção social da materialidade, chamando a atenção para ações e projetos concomitantes que marcam e demarcam a materialidade produzida pela sociedade. Estas marcas e formas são referências importantes para pensar a história da sociedade. Ribeiro (2005) aponta ainda para o território como coexistência de vivos e mortos – demarcados no presente e na base cultural historicamente construída. Ao buscar compreender a análise de Santos sobre sua compreensão do território, que para ele é a dimensão das relações de poder impostas a partir e por causa dos usos, é sinônimo de espaço banal, porque necessita identificar a pluralidade dos usos do espaço, reconhecer os conflitos e as tensões. A dimensão histórica do território é compreendida como a dimensão histórica do espaço. Santos, geógrafo internacionalmente reconhecido, participou com suas reflexões para a elaboração da *Teoria de Espaço*. Atuou de forma incisiva na construção da corrente marxista na Geografia. No debate, com a episteme marxista na Geografia durante os anos 1970 e 1980, o conceito de espaço vem contribuir na compreensão dos conflitos, dos agentes na produção social do espaço. Nesta compreensão, o espaço é identificado como a dimensão socialmente produzida que se torna “prático-inerte”, ou seja, uma vez

produzida historicamente passa a interferir nas relações sociais, portanto, nas relações de poder, nas relações políticas, econômicas e culturais.

A compreensão de espaço para o autor tem forte diálogo com a questão epistemológica da Ciência, onde o seu avanço se dá a partir da análise e do estudo de seu objeto. O objeto de estudo da Geografia é o espaço, que pode ser considerado “como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida” (Santos, 1985). Para analisar os elementos constituintes deste espaço, é fundamental entender a natureza deste objeto. Em “Espaço e método” (1985), o autor já chamava a atenção para a identificação das categorias: forma, função, estrutura e processo, como alicerces de análise do espaço geográfico. Estas categorias estão condicionadas historicamente e são orientadas por agentes atuantes no presente. De acordo com Santos, “O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade” (idem, 1985, p.22).

A temporalidade é um dos elementos fundamentais para o entendimento do espaço. Representa os tempos pretéritos e o tempo presente, onde o espaço pode ter objetos originados de tempos pretéritos, mas se inscrevem no presente devido às suas novas funções sociais desempenhadas. Em seu trabalho mais recente “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” (1996), Santos aponta para o espaço como um dado do presente, enquanto objeto da Geografia do presente, ou seja, entender o espaço, no contexto atual, como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” e a partir daí reconhecer as categorias analíticas internas que dão existência ao espaço e que permitem entendê-lo no contexto do mundo atual – o período técnico-científico informacional (1996, p.19).

O reconhecimento dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações permite compreender o papel da técnica e da ciência na constituição do território (redes informacionais, biotecnologia, etc.), que é um dos componentes da aceleração do tempo e do funcionamento do espaço mundo. A orientação metodológica de Santos propõe uma análise ontológica do espaço enquanto um ser, buscando entender sua essência e sua natureza no contexto existencial do mundo de hoje, por isto trabalha com categorias (técnica, tempo e intencionalidades materializados nos objetos e nas ações) que pretendem entender os diversos graus de intencionalidade e de racionalidade nas práticas e nos eventos propositores de modernizações da sociedade e do território. Ao identificar o espaço como uma totalidade, Santos (1996) realiza uma análise dialética,

confrontando o movimento da produção da racionalidade dominante (econômica) com o movimento da vida social (as condições e ações de existências do reconhecimento de outras racionalidades diversas da racionalidade dominante: o cotidiano, a proximidade, os homens lentos).

As análises acima sobre os livros mais recentes de Milton Santos demonstram a importância do pensamento do autor que ao longo de sua obra aponta para a preocupação de pensar o espaço relacionado à compreensão do tempo, condição fundamental para compreender a natureza do espaço e sua totalidade. A compreensão da existência – existencialismo – no sentido de Sartre, é um dos pressupostos de Santos para compreender a importância da História na análise espacial.

O presente ensaio não tem a finalidade de esgotar a análise sobre a reflexão de Milton sobre o diálogo entre tempo e espaço, mas visa contribuir para o debate da importância do espaço-tempo na obra de Milton Santos, buscando identificar alguns elementos relevantes. Deste modo, este trabalho se apóia sobretudo no livro “*Por uma Geografia Nova*”, publicado pela Hucitec, 1ª edição em 1978². Este livro iniciou sua escrita entre 1974 e 1977 quando lecionava na Tanzânia, Caracas e Nova Iorque, em nas discussões com seus alunos pôde amadurecer muitas idéias presentes neste livro.

Noção de tempo para pensar o espaço: O papel das formas como rugosidades

Para Santos, o espaço é a matéria trabalhada por excelência. Os objetos sociais são de domínio sobre o homem e estão presentes no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro e os caminhos são elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam práticas sociais. Milton Santos vê a práxis como ingrediente fundamental da transformação da natureza humana que é um dado socioeconômico tributário das imposições espaciais (1986, p. 137).

No entanto, o espaço não pode se visto como simples palco ou cenário, sem força de intervenção sobre a sociedade. Afirma o autor:

“Todavia, o papel do espaço, muitas vezes passa despercebido ou não é analisado em profundidade. Como Sartre, em relação à materialidade, deveríamos perguntar-nos porque não tentamos absolutamente estudar este tipo de ação passiva que a materialidade exerce sobre os homens e a história, oferecendo-lhes em troca uma

práxis roubada sob a forma de uma contrafinalidade (1960, p. 202)”
(idem, p. 137)

E mais,

“Citemos, de novo, Sartre quando diz que do mesmo modo que “o prático-inerte rouba minha ação... muitas vezes ele impõe uma contrafinalidade”. Quando se trata do espaço humano, não se fala mais em prático-inerte, mas de inércia dinâmica. A representação é também ação e as formas tangíveis participam do processo tanto quanto os atores (I. Morgenstein, 1960, p. 65-66).” (idem, p. 137)

O espaço é apreendido como materialidade social em construção e, ao mesmo tempo, é composto por formas que podem ser tornar históricas, interferindo no presente e no futuro. Estas formas espaciais resistentes denominadas de *rugosidades*. As *rugosidades* são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades fornecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma decisão de divisão internacional de trabalho, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados (1986, p. 138).

Para Milton Santos, o espaço, como paisagem, é o testemunho de manifestações concretas (testemunhos de um momento do mundo) de um dado momento e um modo de produção. Ainda complementa que o espaço é uma forma durável que não se desfaz com a mudança dos processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas pré-existentes, enquanto que outros criam formas novas para se inserir dentro de delas.

“O modo de produção que, por intermédio de suas determinações (em um mesmo lugar pode-se ter ao mesmo tempo, determinações diferentes) cria formas espaciais fixas, pode desaparecer sem que tais formas desapareçam. O momento se cristaliza em memória como diria Lefebvre (1958, p. 345) e, para repetir Morgenstern, é como a memória de um presente que se foi.” (Santos, 1986, 138)

Assim, a dimensão histórica aparece quando se percebe que os modos de produção se realizam por intermédio dos meios de produção cuja longevidade somente

será conhecida *a posteriori*. A duração temporal pode levar ao longo do modo de produção, ou persistir a outros modos. São os exemplos dos castelos, das estradas, dos prédios coloniais que, alguns passam a assumir outras funções de acordo o novo modo de produzir.

Para Santos (1986), o espaço encontra uma possibilidade de determinação, em função das formas pré-existentes “às quais ele [o modo de produção] deve adaptar-se para poder determinar-se.” Neste sentido, o espaço não é simplesmente palco, passivo, reflexo estático da sociedade. Ele interfere nas relações sociais e na reprodução social, explicitando-se como cenário em disputa. Poderíamos compreender o papel das grandes favelas no Rio de Janeiro, espaços populares criados a mercê das ações do Estado, tornaram-se áreas de domínios de traficantes e de violência, e o poder de Estado luta pelo controle, mas com grandes e frequentes insucessos.

Ao refletir sobre “o homem trabalha sobre herança” (idem, p. 139), Santos concorda com Paul Vielle (1974, p.3) que aponta para a seguinte questão sobre a relação histórica entre espaço e sociedade global. Ville interroga: como indagar o papel do espaço no processo social?- Ville *apud* Santos (idem)

Espaço como história e estrutura

Segundo Santos, há uma discussão que opõe frente a frente as noções de história e estrutura (lógica), quando se consideram as coisas existentes. Esta discussão de base filosófica e epistemológica referente ao enfoque histórico, supondo que se caminhe do passado para o presente em interação e funcionamento. Por sua vez, no enfoque estrutural, a compreensão do mundo parte do presente – compreensão da estrutura atual – sistemas espaciais. De acordo com Santos, o debate rico se estabelece na oposição entre os dois enfoques que se opõem entre si e nos levariam aos caminhos e resultados diferentes. O espaço neste debate é pensado no segundo enfoque, ou seja, estrutura espacial – sistema composto por partes e variáveis do presente. Entretanto, Santos discorda desta visão e reflete sobre as dimensões do espaço como passado e presente, ou melhor dizendo, “o passado no presente” (ibidem, p. 151).

Ele lembra Sartre:

“(…) Dizendo como Sartre (1960, p. 250-251), “... a práxis inscrita no instrumento pelo trabalho anterior define a priori as condutas, esboçando em sua rigidez passiva uma espécie de alteridade que leva a uma divisão do trabalho. Justamente porque a matéria faz-se

mediação entre os homens, cada homem se faz mediação entre práxis materializada e a própria dispersão se ordena segundo uma espécie de hierarquia que reproduz sob a forma de uma ordem humana ou social, o ordenamento particular que o trabalho anterior havia imposto à materialidade.” (Sartre *apud* Santos , 1986, p. 152)”

Desse modo, para Santos, é através do espaço que a história se torna ela mesma em estrutura, “estruturada em formas”. São formas-conteúdos que influenciam o curso da história, o presente e o futuro, participando da dialética da sociedade. Reconhece o espaço com fator – objeto e sujeito – de um processo. O termo processo refere-se ao tempo que passa, portanto a dimensão histórica demarcada por eventos.

Formação econômica e social no diálogo entre espaço e tempo

Santos chama a atenção ainda para a compreensão das formações sociais nas suas relações internas e externas, combinando as condições tecnológicas, de capital e de trabalho. É compreendida como realidade historicamente determinada com a base territorial (Idem, 1986, p.200).

“A categoria de formação econômica e social é assim extremamente útil ao estudo de uma realidade nacional pelo fato de que se aplica à Sociedade considerada em um sentido geral, mas a uma sociedade precisa, cuja especificidade e particularismos devem ser realçados para que o estudo concreto de suas realidades autorize depois uma ação igualmente concreta”(1986, p.198).

E mais,

“O estudo histórico da formação do espaço após a chegada de modo de produção capitalista dará as bases para a generalização indicada acima e o estudo das formações econômicas e sociais constitui o melhor alicerce para um enfoque dessa natureza, pois

sendo uma categoria teórica, as formações sociais não existem senão pelos seus aspectos concretos, entre os quais os modos de produção concretos que a constituem e que possibilitam chegar a compreender a especificidade de cada sociedade” (Santos, 1986, p. 199-200).

Desse modo, Santos indica que as ciências do espaço devem interpretar o espaço humano como o fato histórico que, antes de tudo, serve como fundamento à compreensão da realidade espacial e aos esforços para transformá-la, pondo-a ao serviço do homem porque a história não se escreve fora do espaço e o próprio espaço sendo social, não há sociedade a-espacial (Santos, 1986).

Milton percebe que a noção de formação social é rica, pois contribui na formulação de uma teoria espacial válida na busca da compreensão da realidade, porque esta categoria aponta para a “*evolução diferencial das sociedades*” do ponto de vista interno e nas relações externas. Fundamentado em Marx, concorda que a explicação principal desta formação está na produção, ou seja, no trabalho do homem e nos grupos que se confrontam.

“Na realidade, natureza e espaço são sinônimos, a partir do momento em que se considera a natureza como uma natureza transformada ou socializada, uma natureza segunda, para utilizar uma expressão de Marx para a qual nem os marxistas não geógrafos, nem geógrafos marxistas parecem ter dado a merecida atenção” (Santos, 1986, p. 201)

Afirma que a categoria formação social permite sair da cilada homem-natureza, tão comum na Geografia. A visão dicotômica entre o estudo do homem (Geografia humana) e o estudo na natureza (Geografia Física) não contribui para a compreensão das relações mais profundas entre a natureza em mutação, causadas pela industrialização acelerada.

Noção de tempo nos estudos geográficos: a difusão das inovações

Na quarta seção deste trabalho, apontaremos uma reflexão de Milton sobre a relação espaço e tempo a partir da difusão das inovações. Este ponto de partida que se encontra no Livro por uma “Geografia Nova”, ed. 1986. Aparecerá em livros e textos mais recentes ao produzir o conceito *meio técnico-científico informacional*³.

Veremos seu ponto de partida: nas décadas de 1960 e 1970, estava em pleno vapor sob o predomínio da geografia neopositivista de base americana, francesa e inglesa a busca pela compreensão das lógicas da localização industrial, da teoria da difusão das inovações e do desenvolvimento regional (Teoria centro-periferia, pólos de desenvolvimento, teorias de localização industrial, Teoria dos lugares centrais). Havia grande dificuldade de levar em consideração a dimensão tempo, processo para se compreender a modernização.

Lembra o autor:

“David Harvey disse (1967, p. 550) que “do mesmo modo que Marshall considerou a dimensão espacial como relativamente sem importância para a construção do seu sistema econômico, o “ pré-conceito anglo-saxão”, segundo a denominação de Isard (1956, p. 24 levou os geógrafos a negligenciar a dimensão temporal. Carl Sauer (1963, p. 352) atribuía esse erro a outro grande Geógrafo americano, Hartshorne” (Santos, 1986, p. 203).

No entanto, Milton Santos averigua que a consideração da noção de tempo nos estudos geográficos não é nova. Basta ver Vidal de La Blache em suas considerações a respeito da metodologia das monografias urbanas, em que a evolução histórica era etapa central da compreensão das cidades. Não obstante, a compreensão da difusão das inovações, de acordo com Santos, não chegou a um êxito devido ao apoio demasiado em modelos dedutivos e à ausência de um conceito de tempo social que permitisse investigar sua concretude espacial.

A difusão é pensada como bola de neve, como as teorias frequentemente fazem supor, indica seja uma igualdade de condições tanto entre lugares como entre pessoas que a realidade está distante de confirmar. Ao pensar o espaço como uma dimensão geométrica, segundo ordem temporal rígida, identificam-se pessoas e lugares sem compreensão da existência concreta da história dos lugares. Desse modo, as teorias

difusionistas serviram mais à formulação e renovação de teorias de planificação baseadas em contágios ou a difusão hierárquica (*hierarchical filtering down*) de domínio de países centrais sob os países pobres da América Latina, África e Ásia.

A noção Newtoniana de tempo e espaço é rebatida por Milton que faz lembrar das novas concepções de espaço relativo debatidas nos anos 1950 e 1960 em oposição ao espaço continente, ou seja, o espaço pensado pelas teorias de difusão das inovações. A proposta de abandono ao espaço tridimensional para o espaço quadridimensional, apresentada por Einstein revolucionou as ciências e a filosofia.

De acordo com esta nova concepção, o espaço necessita ser compreendido como espaço existência concreta, que articula presente, passado, pelo fato de sua existência. Fundamental não separar o espaço do tempo, mas compreender o espaço-tempo, segundo Santos (1986, p. 206) é a categoria fundamental para superar as análises superficiais e por demais abstratas.

A noção de espaço quadrimimensional para Santos é vista como promissora porque identifica as relações como campo de forças, onde o tempo se impõe como dimensão essencial. O tempo, neste sentido, é percebido não como mensuração matemática, sinônimo de quantificação rígida e newtoniana, mas como medida fundada na significação, ou seja, significações espaço-temporais segundo a orientação empírica.

E mais:

“O fato de que os eventos sejam ao mesmo tempo espaciais e temporais não significa que se pode interpreta-los fora de suas próprias determinações ou sem levar em conta a totalidade da qual eles emanam e que eles reproduzem. O espaço social não pode ser explicado sem o tempo social” (ibidem, p. 207).

Milton Santos (1986, p. 207) identifica o espaço e tempo como relações complexas, objetos das experiências humanas e analisa segundo duas premissas essenciais: 1 - refere-se ao fato de que o tempo não é conceito absoluto, mas relativo, resultado da percepção coletiva, concreta. Pode ser dividido em seções com características particulares de acordo com a experiência coletiva e particular de cada sociedade. Desse modo, Santos fala da necessidade da periodização, baseados em parâmetros capazes de ser empirizados. Tal periodização permite chegarmos à identificação dos sistemas temporais num mesmo espaço vivenciado; 2 – a segunda premissa consiste na relação entre períodos históricos e a organização espacial

analisada. A relação poderá revelar sucessão de sistemas espaciais em que os lugares estarão mudando de forma diferenciada ao longo dos acontecimentos.

Alerta o autor:

“Dessa maneira, utilizar as realidades do passado para explicar o presente nem sempre significa que se introduziu corretamente idéia de tempo no estudo do espaço. Se o elemento do espaço assim analisado não foram tomado como um dado do sistema temporal a que pertence, não tem o direito de afirmar que o estudo em questão está sendo feito segundo um enfoque espaço-temporal. A simples referência à filiação histórica de um fenômeno ou a busca pelas explicações parciais (interessado apenas a um ou outro elemento do conjunto) não basta” (Santos, 1986, p. 199-200).

A necessidade de periodização é central, segundo Santos (1986) a noção de tempo deve ser inseparável da noção de sistema. Cada momento da história social local, regional, nacional ou mundial, a ação das variáveis presentes dependem das condições do sistema, ou seja, do modo de produção em que se situam⁴.

Espaço como acumulação desigual de tempos

Notam-se, no espaço, objetos e formas com idades diferentes que se organizam em um fato novo, dotado de capacidade de criar ou estabelecer novas relações, novas funções. Diz Santos (idem, p. 209) que estas formas e objetos são variáveis que combinam diferentemente com a entrada de novas variáveis. Assim, cada lugar há a expressão de formas historicamente diferentes que se combinam ou que conflitam entre si.

Milton aponta para a dificuldade de compreender os mecanismos de transcrição espacial dos sistemas temporais, pois cada novo sistema temporal não pode imprimir completamente sua marca sobre o pedaço do espaço atingido. A ação de sistemas históricos pretéritos deixa marcas, há superposição de tempos e traços históricos, exceto em espaço pouco tocado e transformado pela ação modernizadora. Por outro lado, novas ações são geralmente impostas como efeitos de modernização, gerando espacialização

em áreas regionais e criando a polarização. As escalas tornam-se assim elementos importantes para identificar que transformações locais ou regionais são orientadas por ações de sistemas globais.

“Uma coisa, porém é certa. Como em cada sistema há uma combinação de variáveis a escala diferentes, mas também de idades diferentes, cada sistema transmite elementos cuja datação é diferente. O próprio subespaço receptor é seletivo: nem todas as variáveis modernas são acolhidas e as variáveis acolhidas não pertencem todas à mesma geração” (Santos, 1986, p. 209).

Milton Santos propõe ainda a noção de *tempo espacial*, referindo aos elementos espaciais com tempos históricos diferentes, ou seja, culturas, casas, técnicas, instrumentos etc. cuja a implantação não é contemporânea. Chama a atenção para a falta de sincronicidade entre os objetos. Afirma ainda que a cidade é o local privilégio de objetos datados de tempos pretéritos diferentes. São dimensões de vida e morte presentes no espaço. Aliás, é importante compreender que as referências espaço e território são diálogos conceituais que partem do presente para compreender o passado, que coabitam valores e objetos antigos e novos em parceria ou em conflito.

Entretanto, Milton alerta de que as variáveis espaciais são assíncronas do ponto de vista genético, mas não do ponto de vista do funcionamento de um modo de produção dominante, ou de uma forma hegemônica de produção.

Diz o autor:

“Um sistema espacial é substituído por outro que recria sua coerência interna, mesmo que cada variável isolada conheça a velocidade de mudanças própria. Assim, sincronia e assincronia não são de fato opostos, mas complementares, no contexto espaço-temporal, porque as variáveis são exatamente as mesmas (idem, p. 211).

Interessante que Milton lembra e critica a literatura geográfica dos anos 1970-1980, em que predomina o debate sobre ‘desigualdades espaciais’, e tal debate se realiza de forma muito preconceituosa quando pensada sobre aqueles espaços pobres ou antigos

em que o efeito da modernização industrial capitalista não penetrou ainda ou que resistem à modernidade. A idéia de desigualdades espaciais ou desigualdades regionais fundamenta na crença do desenvolvimento econômico pensado como “mancha de óleo”, sob a análise regional, ou seja, processo natural para o desenvolvimento social e identificado como processo inevitável. A superação dos tempos espaciais é compreendida neste debate como um dado. É Santos aponta de forma insistente para uma leitura mais complexa dos fenômenos sociais e econômicos, demonstrando que centro (concentração de riquezas) e periferia (expressão da pobreza) fazem parte do mesmo processo de modernização capitalista.

Considerações finais

Milton realiza importante reflexão sobre a centralidade da relação entre tempo e espaço. Mostra a importância do conceito de rugosidades do espaço, ou seja, das formas de resistência de ações e práticas de origens pretéritas, que possuem identidades próprias e resistem à modernização. Milton lembra da transformação de funções de formas pretéritas, mas lembra também das novas variáveis e novos fluxos que se instalam nos espaços e obedecem a formas pretéritas existentes, ou seja, há receptividade específica dos lugares.

Vale analisar com profundidade a obra de Milton Santos, identificando sua reflexão sobre a relação espaço-tempo. Esta relação é rica de significações e concepções. A compreensão da relação espaço-tempo é fundamental para a compreensão do mundo e pode se tornar uma referência importante para a compreensão da história social do território, dos processos de produção do território, das relações de poder e da produção material da sociedade.

Intencionando apontar a riqueza desta relação, este ensaio apoiado em reflexões realizadas por Milton Santos identificou cinco possibilidades de análise da relação espaço-tempo. Trata-se de um ponto de partida que busca contribuir na averiguação teórico-metodológica sobre as condições e significações históricas do território, aqui compreendido como espaço banal, território usado, campo de relações de poder e de disputa. Pleiteado por ações, projetos e práticas sociais.

Breve Biografia

Milton Santos nasceu em Brotas de Macaúbas (Bahia) em 3 de maio de 1926. Na época de estudante secundário e universitário marcou presença na militância política de esquerda. Formado em Direito, não deixou de se interessar pela Geografia, tanto que fez concurso para professor catedrático no Colégio Municipal de Ilhéus. Em função de suas atividades políticas junto à esquerda, Milton foi perseguido pelos órgãos de repressão da ditadura militar. Seus aliados e importantes políticos intervieram junto às autoridades militares para negociar sua saída do país, após ter cumprido meio ano de prisão domiciliar. Milton achou que ficaria fora do país por 6 meses, mas acabou ficando 13 anos. Milton começa seu exílio em Toulouse, passando por Bordeaux, até finalmente chegar em Paris em 1968, onde lecionou na Sorbonne. Trabalhou em universidades de vários países. Após seu regresso ao Brasil, lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) até 1983. Em 1984 foi contratado como professor titular pelo Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), onde permaneceu mesmo após sua aposentadoria. Publicou mais de 50 livros, mais de 200 artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais, participou como organizador e com artigos em dezenas de livros. Trouxe grande renovação ao pensamento geográfico e a compreensão da urbanização, da globalização e das desigualdades sociais, no campo das ciências humanas. Milton Santos tem o título de Doutor Honoris Causa por meio de várias instituições científicas nacionais e internacionais. Recebeu vários prêmios, destacando-se o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, Paris, 1994. Formou geração de professores e pesquisadores em Geografia por meio de uma nova metodologia de pensar a Geografia, no âmbito do pensamento crítico. Faleceu em junho de 2001, deixando um grande patrimônio intelectual e um legado importante para aqueles que se preocupam na superação das desigualdades sociais e espaciais e para quem acredita na luta reflexiva por um “Período Popular da História” em que os sistemas técnicos e os sistemas de ações e o acesso ao meio técnico científico informacional sejam de fato possibilitadores do bem comum.

Referências Bibliográficas

SANTOS, Milton. *Por Uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1986, 3ª edição, 236p.

_____ *Pensando O espaço do Homem*. São Paulo: Hucitec, 1982. 67 p.

_____ *O trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo*. 3^a ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____ *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985. 185p

_____ *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987. 176p

_____ *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994a. 136p.

_____ *Economia Espacial*. São Paulo: Edusp, 2007 (Primeira Edição 1979).

_____ *Por uma economia política da cidade*. São Paulo, Ed. Hucitec/Educ, 1994b. 145p.

_____ *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.

¹ Docente adjunto do Departamento de Geografia da FFP/UERJ. Faz parte do quadro docente do Mestrado em História Social – FFP/UERJ. Doutora em Geografia Humana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

² A edição analisada por nós é de 1986 – 3^a edição.

³ Ver o Livro de Milton, intitulado *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.

⁴ Mais tarde, em seu livro *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção (1996)* Milton aprofunda a reflexão sobre a periodização a partir das técnicas que interferem nos sistemas de ações e nos sistemas de objeto. Ele divide a periodização das técnicas em quatro grandes momentos. O meio natural, onde a ação humana não produzia alterações determinantes na natureza; o meio técnico onde a transformação da natureza se fundamentava pelas ações humanas na produção de objetos culturais; o meio técnico-científico que tem origem no Século XVIII, onde técnica passa a se atrelar ao saber científico, fazendo surgir a tecnologia; e o meio técnico-científico informacional surge nos fins do Século XX com o advento da terceira revolução técnico-científica, com o advento das tecnologias de comunicação e informação e a robótica .